

### **INDÚSTRIA DECEPCIONA MAIS UMA VEZ COM DESEMPENHO PIOR QUE O PREVISTO**

*Incerteza com a economia e juros elevados abalam a confiança e reduzem os investimentos.*

No final do ano passado, as projeções para a indústria brasileira adiantavam um desempenho bastante modesto para o ano novo como consequência de um cenário que se esperava pouco favorável à produção e de uma herança estatística nula (negativa no caso regional). A argumentação se baseava na combinação do elevado nível de incerteza sobre os fundamentos da economia brasileira, que aumentou muito após as eleições em outubro de 2022, diante de uma situação fiscal desafiadora e uma política monetária contracionista.

O quadro previsto se materializou, mas os efeitos foram além do esperado, mantendo a confiança dos empresários em patamares muito baixos e restringindo o crédito, o que afetou os investimentos, impactados pelas indefinições acerca do novo arcabouço fiscal e da Reforma Tributária. Esse cenário atingiu mais intensamente a indústria gaúcha, mais associada relativamente à brasileira, à fabricação de bens de capital. A demanda externa também não ajudou: a indústria do RS (-4,8%) e a Brasileira (-3,1%) exibiram quedas das exportações até setembro.

De fato, no final de 2022, eram projetadas expansões de 1,1% da produção industrial brasileira e de 1,4% da produção regional para 2023. O primeiro deverá encerrar o ano muito próximo da estabilidade e o segundo em queda de 4,1%, desempenho negativo da indústria gaúcha é corroborado pelo Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), termometro do nível de atividade divulgado pela FIERGS, que deve recuar 4,7%.

Eventos pontuais locais, também ajudam a explicar a frustração maior com relação às previsões e o desempenho bem mais negativo da indústria gaúcha em relação à média nacional, fato apontado por todos os indicadores conjunturais do setor. O setor de Refino de petróleo e biocombustível, principal responsável pela taxa negativa da produção regional até setembro, registrou paradas programadas para manutenção. Já o setor de Produtos de metal foi impactado pela mudança na legislação que restringiu o acesso a armas de fogo. Por fim, o Estado foi atingido por eventos climáticos severos, secas e inundações, que afetaram as operações, inclusive com paralisações, de indústrias nas regiões mais atingidas.

As perspectivas para 2024 são relativamente positivas, mas a indústria deve ter mais um ano de desempenho medíocre. Muitos dos entraves do setor são estruturais e a conjuntura também não será muito favorável com a perspectiva de desaceleração na economia brasileira. Espera-se, porém, uma recuperação cíclica, ainda que parcial, dos investimentos, após a queda intensa em 2023. O cenário considera uma redução da incerteza devido à maior clareza em relação às questões fiscais do País e a concretização da Reforma Tributária, além dos efeitos defasados da redução das taxas de juros e dos efeitos estatísticos de uma base de comparação baixa, sobretudo no RS, onde, espera-se, os problemas climáticos não se repitam.

Nesse sentido, com a combinação de base mais deprimida e alguma recuperação dos investimentos, a projeção para o ano que vem é de um desempenho melhor da indústria gaúcha frente à brasileira, com crescimentos da produção de 2,3% e 1,4%, respectivamente. O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) deve avançar 2,8%.

***Estagnação da indústria no Brasil e queda intensa no Rio Grande do Sul***

A indústria nacional é o setor econômico que mais sofreu os efeitos do cenário em 2023, em virtude da demanda doméstica fraca, em especial, a queda nos investimentos. Nem mesmo o quadro modesto que se esperava no final de 2022 para este ano, uma expansão pouco acima da unidade, deve se materializar, com a produção industrial ficando muito próxima da estabilidade no Brasil e em queda no Estado.

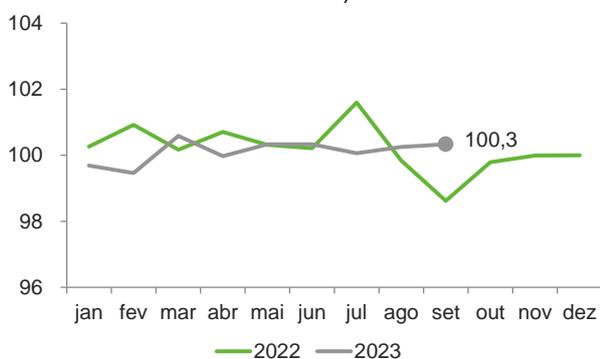
A série ajustada sazonalmente, que permite acompanhar o comportamento marginal (mensal) da produção industrial brasileira, mostra o início da trajetória declinante na segunda metade do ano passado, atingindo seu ponto mais baixo em setembro de 2022. A partir de então ocorre uma ligeira recuperação seguida de um longo ciclo de estagnação, que se estendeu por todo 2023, completando um ano em setembro e em patamares próximos do ano passado.

O cenário econômico, pouco propício aos investimentos, foi ainda mais desfavorável à indústria gaúcha. Com o declínio também iniciado na segunda metade de 2022, a produção industrial estadual começou o ano exibindo fortes perdas na margem e níveis bem inferiores aos observados pela produção em 2022. A evolução na sequência mostrou uma rápida recuperação, seguida por um período de desaceleração, com alguma instabilidade, que se estendeu até setembro (último dado disponível), quando voltou a cair com força, impactada também pelos eventos climáticos extremos que atingiram o Estado.

Os gráficos 3.1 e 3.2 descrevem a evolução da produção industrial na margem entre 2022 e 2023, revelando que os patamares da produção brasileira, em 2023, ficaram muito próximos de 2022, e bem abaixo no Rio Grande do Sul.

### Gráfico 3.1. Produção Industrial – Brasil

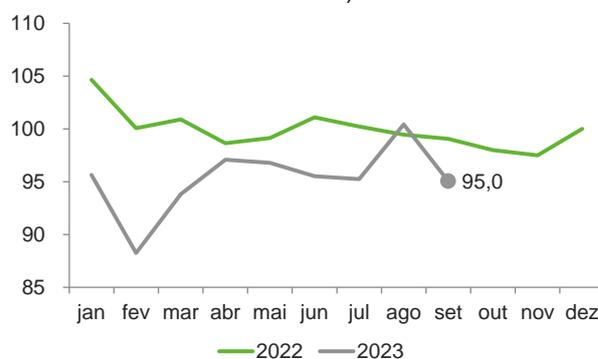
(Índice de base fixa mensal. Dez. 2022=100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

### Gráfico 3.2. Produção Industrial – RS

(Índice de base fixa mensal. Dez. 2022=100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

Os resultados anuais da produção industrial repercutem a evolução da margem descrita anteriormente. A brasileira, estagnada e com um carregamento estatístico de 2022 nulo (-0,1%), exibiu em setembro de 2023 um desempenho acumulado anual muito próximo da estabilidade (-0,2%).

Da mesma forma, reproduzindo a trajetória volátil e declinante na margem e uma herança estatística negativa de 2,9% de 2022, a produção estadual mostrou quedas interanuais generalizadas. Em setembro, a produção industrial gaúcha caía 5,1% no acumulado do ano na comparação com os primeiros nove meses de 2022.

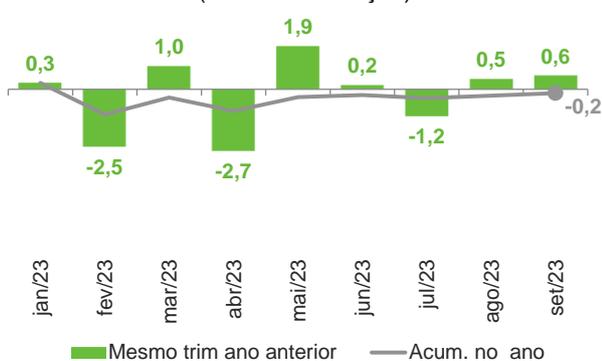
Compartilhando o mesmo cenário econômico em 2023, o pior desempenho da produção gaúcha ante a nacional é explicado: i) pela estrutura produtiva mais associada à produção de bens de capital (ligados aos investimentos), que exibem queda de 10,4% no país, em relação aos bens de consumo, que mostram crescimento de 2,0%; ii) a pequena participação regional da

indústria extrativa que cresceu 6,0% no Brasil e forneceu a maior contribuição positiva para o resultado da indústria nacional (o segmento de transformação, que não inclui a extração, caiu 1,2% até setembro); iii) o desempenho das exportações da indústria de transformação, que caíram mais no estado (-4,8%) do que no Brasil (-3,1%) até setembro; e iv) fatores pontuais que agravaram o cenário local.

De fato, a indústria gaúcha sofreu com paradas programadas para manutenção em importante refinaria no início do ano, fazendo com que a produção do setor de Derivados do petróleo e biocombustíveis respondesse pela maior influência negativa no agregado em 2023. Já o setor de Produtos de metal gaúcho sentiu os impactos das mudanças nas regras de acesso a armas, produto que foi o principal responsável pela queda da produção do setor em 2023. Por fim, os fenômenos climáticos, seca no início do ano e inundações em setembro, que atingiram o estado, afetando as operações, inclusive com as paralisações, das empresas.

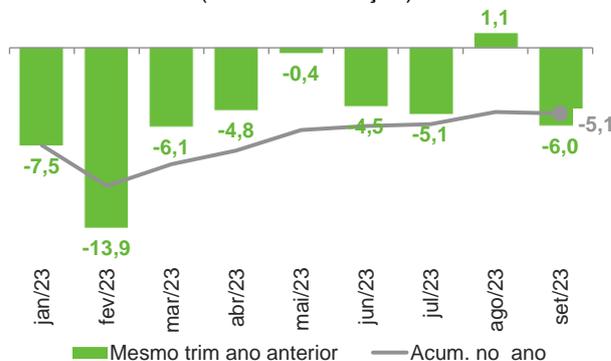
Os gráficos a seguir, mostram as taxas interanuais bem mais negativas do RS em relação à produção brasileira.

**Gráfico 3.3. Produção Industrial – Brasil**  
(Var. % em relação)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 3.4. Produção Industrial – RS**  
(Var. % em relação)



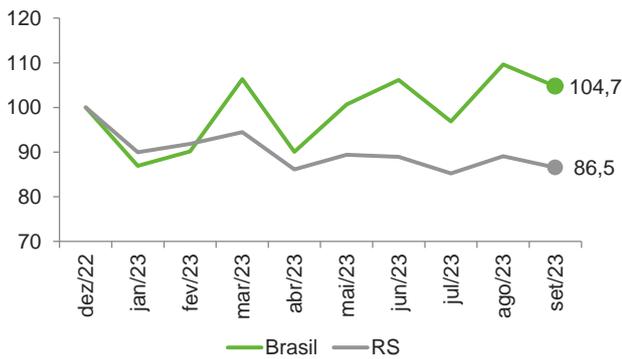
Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

Os demais indicadores conjunturais pesquisados para indústria nacional não deixam dúvidas sobre o cenário de dificuldades pelo qual passou o setor em 2023, confirmando a estagnação da indústria nacional, bem como o desempenho bastante negativo da indústria gaúcha. No acumulado do ano até setembro, o faturamento real da indústria nacional e gaúcha, respectivamente, caiu 0,8% e 5,8%, as horas trabalhadas na produção recuaram 0,4% e 2,9% e a utilização da capacidade instalada (UCI) baixou 2,4 p.p. e 3,5 p.p.

O mercado de trabalho do setor refletiu tais comportamentos: o emprego cresceu 0,7% no País e caiu 0,2% no Estado e a massa salarial real aumentou 4,4% no Brasil e avançou 3,1% no RS.

O Índice de Desempenho Industrial gaúcho (IDI/RS), exclusividade do RS, mostrou queda de 5,1% no acumulado do ano até setembro e as compras para industrialização, variável só pesquisada no Estado, recuaram 14,4%, confirmando a forte intensidade da recessão da indústria estadual em 2023.

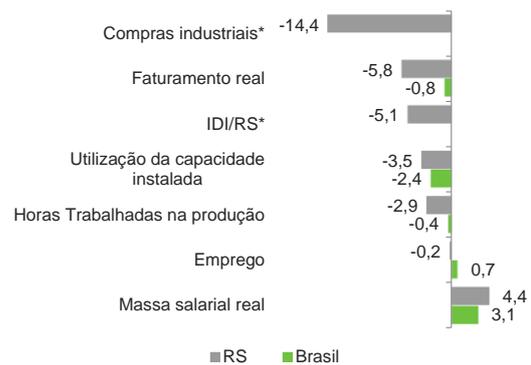
**Gráfico 3.5. Faturamento real – Brasil e RS**  
Índice de base fixa mensal. Dez. 2022=100 | Com ajuste sazonal



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 3.6. Indicadores Industriais – Brasil e RS**

(Var. % acumulada no ano até setembro)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS. \* O IDI e as Compras Industriais são divulgados somente para o RS.

## Resultados setoriais mostram queda disseminada

A desagregação da produção industrial brasileira no ano mostra queda em duas das quatro grandes categorias econômicas e, apesar da estabilidade do índice, um cenário setorial preponderantemente negativo.

A primeira divisão se refere ao destino dos produtos, que classifica-se em: bens de capital, que se destinam aos investimentos, bens intermediários, que se caracterizam pela produção de insumos e matérias-primas para a própria indústria, e bens de consumo durável e não/semi duráveis, direcionados ao consumidor final.

Das quatro categorias investigadas, a fabricação de bens de capital (-10,4%) registrou a queda mais expressiva no acumulado do ano até setembro, responsável, do ponto de vista dessa divisão, pelo sinal negativo da produção no ano. Os principais impactos vieram da fabricação de bens de capital para equipamentos de transporte (-12,6%), para energia elétrica (-8,3%) e para fins industriais (-7,5%). Os elevados níveis de incerteza econômica e de juros e o crédito restrito impactaram a confiança dos empresários e as decisões de investimentos.

A produção de bens intermediários (-0,3%) ficou próximo da taxa nula, sintoma da estagnação observada no setor.

Por outro lado, o segmento de bens de consumo duráveis apontou o avanço de 3,2% no período, impulsionado, em grande medida, por eletrodomésticos (+8,9%), automóveis (+3,2%) e motocicletas (+13,4%). O setor produtor de bens de consumo semi e não duráveis (+1,8%) também mostrou crescimento no acumulado no ano. Os resultados positivos desses segmentos derivam do mercado de trabalho aquecido e da massa salarial mais elevada.

Já na desagregação da produção industrial por setores as perdas anuais são disseminadas. As taxas negativas se espalharam por dezessete dos vinte e cinco pesquisados pelo IBGE de janeiro a setembro de 2023 ante o período análogo ao ano passado. As mais importantes foram verificadas nos setores de Químicos (-7,2%), de Veículos automotores (-5,8%), como caminhões e ônibus (-28,0%) e carrocerias e reboques (-6,8%), e de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-11,1%), como geradores, transformadores e motores elétricos (-29,9%) e equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica (-4,1%), além de Máquinas e equipamentos (-6,9%) e Minerais não metálicos (-7,4%).

Pelo lado positivo, apesar de minoria, as expansões da indústria Extrativa (+6,0%), impulsionada pela elevação dos preços internacionais do petróleo e do minério de ferro, de

Derivados do petróleo e biocombustíveis (+4,8%) e de Alimentos (+3,9%) conseguiram conter a queda ao fornecer +2,1 p.p. ao resultado do setor. Tudo isso na comparação de janeiro a setembro de 2023 com o mesmo período de 2022.

Na tabela 3.1 são mostrados os resultados dos principais indicadores de conjuntura para os setores industriais brasileiros pesquisados em 2023. Diferenças metodológicas e de cobertura dos indicadores da Confederação Nacional da Indústria (CNI) em relação à produção industrial (IBGE) implicam algumas discrepâncias setoriais, mas os resultados coincidem nas grandes linhas – intensidade e disseminação das quedas –, sobretudo nos indicadores mais diretamente associados à atividade produtiva. Nos indicadores relacionados ao mercado de trabalho industrial – emprego e massa salarial real –, pela rigidez que o caracteriza, ainda predominam as taxas positivas, mas estão em desaceleração.

**Tabela 3.1. Indicadores de conjuntura – Indústria do Brasil – Setores**

(Var. % acum. em 2023 até setembro)

	Faturamento real	Horas trabalhadas na produção	Utilização da capacidade instalada*	Emprego	Massa salarial real	Produção
Extrativa	-	-	-	-	-	6,0
Alimentos	-0,8	0,4	-1,8	2,5	7,1	3,9
Bebidas	10,7	7,9	-1,8	1,2	-8,9	-0,9
Tabaco	-	-	-	-	-	3,4
Têxteis	-0,5	-6,9	-2,6	-6,2	-4,2	-0,9
Vestuário e acessórios	1,7	-2,9	-2,2	-7,9	-8,8	-8,9
Couros e calçados	-0,9	0,0	0,0	0,5	5,2	-3,6
Produtos de Madeira	-7,9	-14,8	-8,7	-8,9	5,2	-12,1
Celulose, papel e produtos de papel	-9,1	4,3	2,5	5,6	11,2	-1,9
Impressão e Reproduções de gravações	0,5	-13,9	-0,8	0,4	0,5	14,3
Derivados de petróleo e biocombustíveis	11,7	8,8	6,9	5,3	12,9	4,8
Químicos	-13,3	2,9	-1,2	3,0	0,7	-7,2
Farmoquímicos e farmacêuticos	-14,8	3,5	-3,4	9,1	4,5	6,4
Borracha e de material plástico	7,9	6,7	-1,0	6,7	9,8	0,8
Minerais não metálicos	-8,5	-6,4	-9,6	-3,7	-1,0	-7,4
Metalurgia	-13,1	-3,5	-9,3	-1,4	-3,8	-2,6
Produtos de metal	-5,0	1,6	-2,3	2,0	1,8	-3,5
Equip. inform. prod. eletrônicos e óticos	-	-	-	-	-	-9,2
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	5,2	-2,9	-7,3	-3,6	-0,7	-11,1
Máquinas e equipamentos	12,8	-2,1	-1,0	1,5	0,9	-6,9
Veículos automotores	-0,5	-4,1	-3,5	1,9	2,9	-5,8
Outros equipamentos de transporte	-8,3	6,8	-1,5	11,5	9,7	12,3
Móveis	-4,4	-1,2	0,1	-4,8	0,9	-2,4
Produtos diversos	15,1	-7,6	-0,1	-3,7	-2,9	-8,2
Manutenção, rep. e inst. de máq. e equipam.	-	-	-	-	-	-1,6
<b>Indústria de transformação</b>	<b>-0,8</b>	<b>-0,4</b>	<b>-2,4</b>	<b>0,7</b>	<b>3,1</b>	<b>-1,2</b>
<b>Indústria geral</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-0,2</b>

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: UEE/FIERGS. \* Em pontos percentuais.

No Rio Grande do Sul, não há geração de resultados da produção industrial por categoria de uso, apenas por atividades (setores). Nesta desagregação, o desempenho anual até setembro também mostrou uma disseminação setorial elevada de quedas.

Em dez dos quatorze setores apurados houve retração na produção, sendo que as três principais influências para o desempenho global – Derivados de petróleo e biocombustíveis (-15,2%), Produtos de metal (-15,7%) e Máquinas e equipamentos (-6,2%) – responderam por quase 72,0% da queda total. As indústrias de Alimentos (-2,2%), de Veículos automotores (-4,6%) e de borracha e plásticos (-9,2%) também forneceram impactos negativos importantes.

Os Indicadores Industriais do RS, produzidos pela FIERGS, mostraram, em linhas gerais, resultados setoriais similares à produção em intensidade e disseminação.

Nos setores pesquisados, a contração da atividade industrial atingiu 11 dos 16 pesquisados. O protagonismo do setor metalmeccânico foi confirmado – Veículos automotores (-6,9%), Máquinas e equipamentos (-5,6%), Produtos de metal (-8,6%) e Metalurgia (-15,5%) –,

com impactos negativos relevantes ainda de Borracha e plásticos (-5,9%), Produtos de madeira (-18,7%), Químicos, derivados de petróleo e biocombustíveis (-2,6%) e Couros e calçados (-1,7%). Em sentido contrário, somente cinco setores cresceram: Móveis (+4,0%), Tabaco (+3,3%), setor pouco sensível ao ciclo econômico, Informática e eletrônicos (+2,0%), Máquinas e materiais elétricos (+2,8%) e Bebidas (+1,1%).

**Tabela 3.2. Indicadores de conjuntura – Indústria do Rio Grande do Sul – Setores**  
(Var. % acum. em 2023 até setembro)

	Faturamento real	Compras industriais	UCI*	Horas trabalhadas na produção	Emprego	Massa salarial real	IDI/RS**	Produção
Alimentos	-3,6	-9,7	1,0	-4,1	-1,0	7,0	-0,7	-3,1
Bebidas	-1,5	-9,9	-3,0	1,3	3,5	3,6	1,1	6,7
Tabaco	8,3	-2,4	-	3,4	1,5	7,8	3,3	4,2
Celulose, papel e prods. de papel	-	-	-	-	-	-	-	-3,2
Têxteis	-28,5	-22,8	-11,3	-8,3	-9,7	-8,4	-15,6	-
Vestuário e acessórios	-15,8	-20,1	-32,2	-0,4	4,0	4,6	-14,1	-
Couros e calçados	-0,9	-7,6	-1,5	-0,1	-1,0	5,3	-1,7	-2,3
Produtos de Madeira	-26,6	-22,6	-19,5	-14,9	-1,6	1,4	-18,7	-
Químicos, der. petróleo e biocomb.	-14,1	-22,0	-1,0	4,4	3,3	4,1	-2,6	-
Derivados de petróleo e biocomb.	-	-	-	-	-	-	-	-13,4
Químicos	-	-	-	-	-	-	-	2,7
Borracha e de material plástico	-5,6	-20,9	-2,5	-3,8	2,5	6,9	-5,9	-9,7
Minerais não-metálicos	-	-	-	-	-	-	-	-0,5
Metalurgia	-15,4	-22,6	-8,9	-5,9	-15,4	-2,0	-15,5	-14,3
Produtos de metal	-11,4	-23,9	-2,6	-6,0	-6,1	0,2	-8,6	-16,1
Equip. inform, eletrônicos e óticos	9,5	-4,8	-0,6	-5,7	-1,0	6,2	2,0	-
Máquinas, apar. e mat. elétricos	-28,3	-21,6	-6,0	10,5	4,6	11,0	2,8	-
Máquinas e equipamentos	-7,4	-10,7	-2,8	-8,2	-0,3	2,3	-5,6	-7,1
Veículos automotores	-8,0	-18,6	-10,0	4,0	5,9	7,6	-6,9	-3,2
Móveis	7,0	-1,1	3,0	0,6	2,9	7,0	4,0	-4,5
<b>Indústria total</b>	<b>-5,8</b>	<b>-14,4</b>	<b>-3,5</b>	<b>-2,9</b>	<b>-0,2</b>	<b>4,4</b>	<b>-5,1</b>	<b>-5,1</b>

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: UEE/FIERGS. \* Em pontos percentuais. \*\* Índice de Desempenho Industrial.

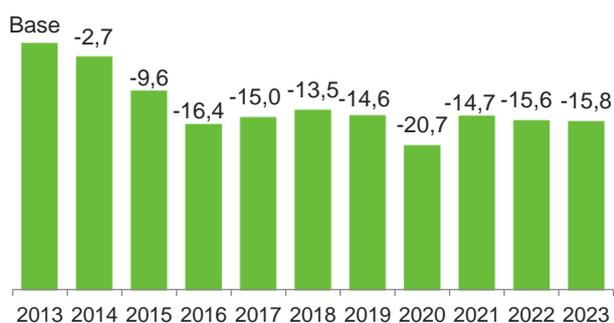
## Recuperação da maior crise da história: lá se vai uma década

Ao final deste ano completa uma década do início da mais longa e intensa recessão (2014-16) enfrentada pela indústria nacional. O fraco desempenho em 2023 mantém a produção industrial em patamares distantes de 2013.

De fato, a produção industrial brasileira dos nove primeiros meses 2023 estava 15,8% abaixo do mesmo período de 2013. No caso gaúcho, são 11,3% a menos. De seu pico histórico, no distante ano de 2008, as defasagens atingem, respectivamente, no Brasil e no RS, 16,3% e 12,0%.

**Gráfico 3.7. Produção Industrial – Brasil**

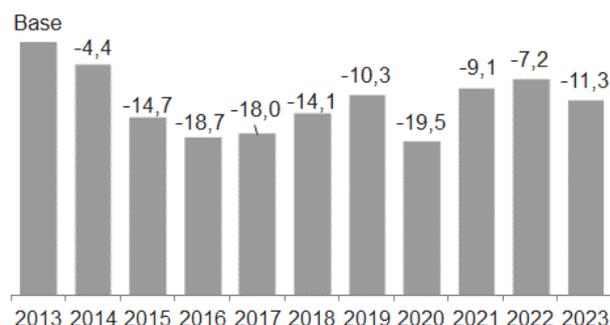
(Var. % em relação à base (2013))



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 3.8. Produção Industrial – RS**

(Var. % em relação à base (2013))



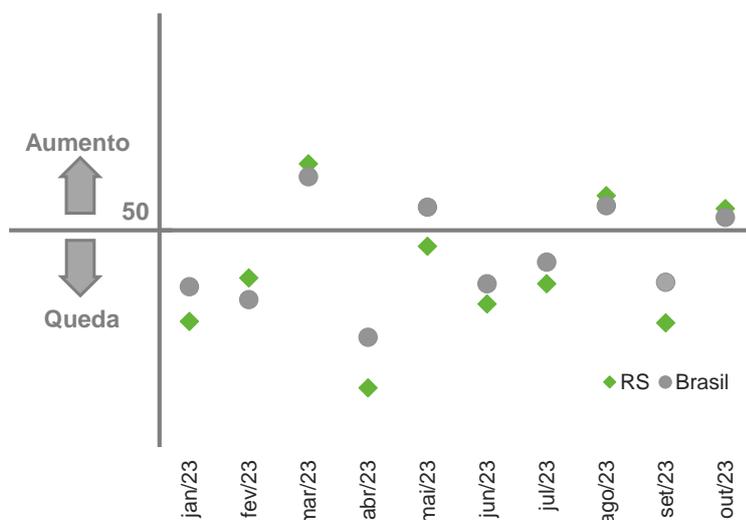
Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

## O ano na avaliação dos empresários

Os resultados da Sondagem Industrial<sup>1</sup> ao longo de 2023 reforçam, na visão empresarial, à conjuntura pouco propícia à atividade industrial brasileira no geral e da gaúcha em particular.

De fato, nos dez meses do ano divulgados, os empresários brasileiros apontaram redução da produção em seis (sete no Estado), situação que se agrava se estendermos o período a setembro de 2022, quando foram apuradas dez quedas mensais da produção em ambos. Chama a atenção que, em seis dos dez meses de 2023, a queda da produção no Rio Grande do Sul foi mais intensa e disseminada que no Brasil.

**Gráfico 3.9. Índice de produção industrial – Brasil e Rio Grande do Sul**  
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

O índice varia de zero a 100 pontos. Quando acima de 50, indica aumento em relação ao mês anterior, e quando abaixo, queda. Quanto mais distante da marca divisória, mais intenso e disseminado é o movimento.

Os fatores restritivos mais destacados pelos empresários, ainda na Sondagem Industrial, para o desempenho negativo da indústria em 2023 foram a demanda interna, a carga tributária e os juros.

A demanda interna insuficiente foi o principal, recebendo na média do ano, 34,7% das respostas dos empresários brasileiros. Para a indústria gaúcha, a demanda interna, que liderou todas as pesquisas realizadas em 2023, foi ainda mais importante, recebendo, em média, 44,1% das assinalações. Como já referido, a demanda doméstica foi afetada, principalmente, pela redução dos investimentos, contidos pelo cenário de elevada incerteza econômica.

A alta carga tributária, problema estrutural que compromete a competitividade do setor e sempre está entre os seus principais fatores inibidores, ficou em segundo lugar no País, com 33,6% das respostas no país e no Estado, com 32,0%.

Com a política monetária contracionista em vigor ao longo do ano, as taxas de juros elevadas foram o terceiro maior entrave enfrentado pelo setor, recebendo, respectivamente, 28,5% e 32,0% das respostas, no País e no Estado (empatado com o item anterior).

<sup>1</sup> A Sondagem Industrial é uma pesquisa de opinião realizada mensalmente com empresários do setor. Os índices de dispersão variam de 0 a 100 pontos.

A falta ou o alto custo do trabalhador qualificado, a falta de capital de giro, a demanda externa insuficiente, a insegurança jurídica, a burocracia excessiva e a inadimplência dos clientes, nessa ordem, também foram elementos restritivos ao desempenho da indústria em 2023, com graus de importância similares, nas avaliações dos empresários.

### Gráfico 3.10. Principais problemas – Brasil e Rio Grande do Sul

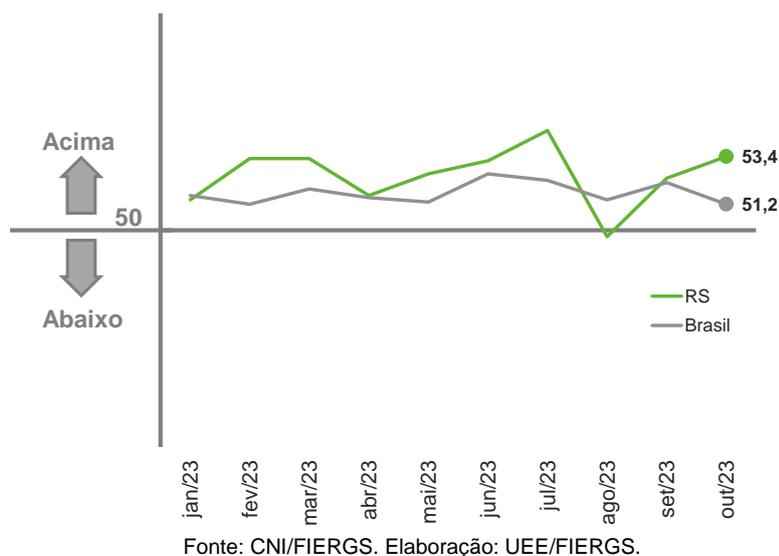
(% médio de respostas em 2023)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

Vale ressaltar ainda que a redução do nível da demanda ao longo de 2023 foi além do esperado pela indústria. De fato, mesmo reduzindo sistematicamente a produção, o setor teve que conviver com excesso de estoques de produtos finais em praticamente todos os meses, sobretudo no Estado, conforme revelam os índices de estoques em relação ao planejado da indústria do Brasil e do RS exibidos no gráfico 3.14. O índice varia de 0 a 100 pontos, quando acima de 50 denota excesso, que será mais intenso e disseminado quanto maior for o valor.

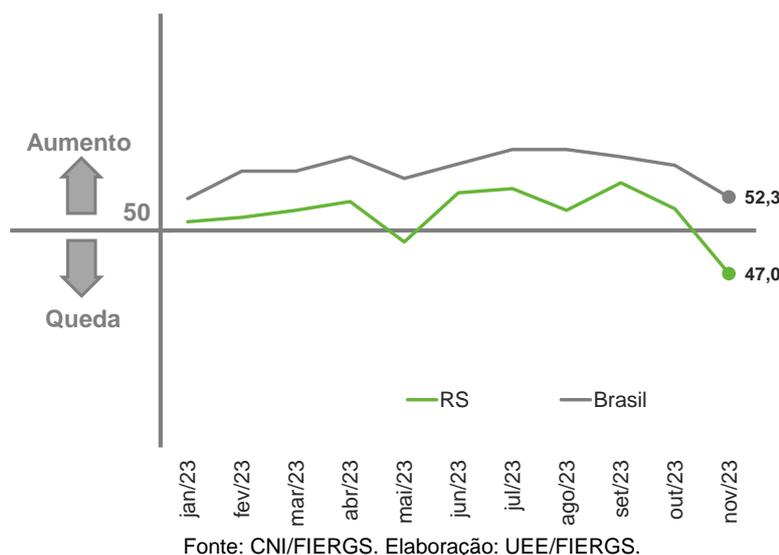
**Gráfico 3.11. Índice de estoques em relação ao planejado – Brasil e RS**  
(Em pontos)



A última Sondagem divulgada revelou que a demanda deve continuar sendo um entrave importante para o setor, pelo menos, nos próximos seis meses. De fato, o índice que mede as expectativas dos empresários brasileiros para a demanda demonstra um otimismo (acima de 50 pontos) bastante contido (52,3 pontos em novembro) e uma tendência declinante nos últimos meses. Já o cenário para a demanda futura da indústria gaúcha é bem mais negativo. As expectativas ligeiramente otimistas, que predominaram ao longo do ano, entraram em declínio e atingiram a faixa negativa do índice (abaixo de 50) em novembro, aos 47,0 pontos. O resultado mostra que os empresários gaúchos projetam redução da demanda nos próximos seis meses.

A combinação de acúmulo de estoques e baixos níveis de demanda futura indicam que o setor deve continuar enfrentando extremas dificuldades para retomar a trajetória de crescimento no curto prazo. As empresas deverão, em primeiro lugar, conter a produção para ajustar seus estoques em um cenário de demanda reduzida ou até mesmo de queda, como previsto pela indústria gaúcha.

**Gráfico 3.12. Índice de Expectativa de demanda – Brasil e RS**  
(Em pontos)



## **Eleições no ano passado abalaram a confiança industrial e pessimismo persiste**

De modo geral, indicadores de confiança empresariais retratam com fidelidade os períodos de aceleração e desaceleração da economia. Um recuo do nível de atividade influencia negativamente a confiança e um choque negativo na confiança, por sua vez, afeta decisões de investimentos, levando à desaceleração ou queda do nível de atividade.

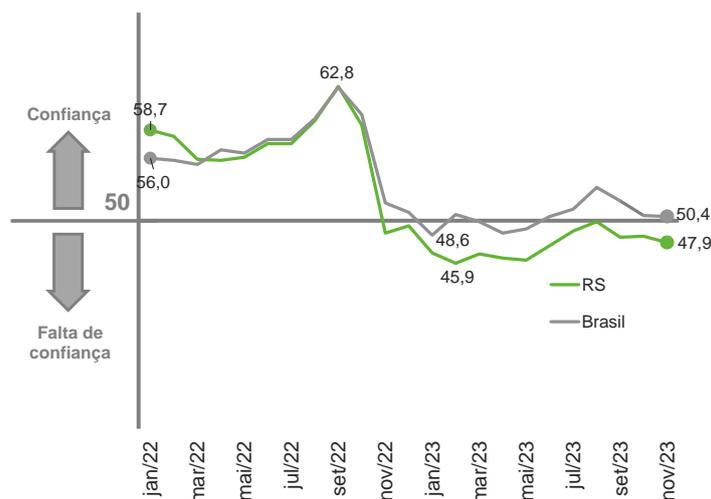
De fato, na esteira da incerteza gerada pelas eleições e da perda de ritmo da atividade industrial que se seguiu, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) entrou em declínio acentuado. Foram 14 pontos perdidos de outubro de 2022 até abril de 2023 (piso) no país (de 62,8 para 48,8 pontos) e 16,7 pontos a menos até maio de 2023 (piso) na indústria gaúcha (de 62,9 para 46,2 pontos). Os níveis de confiança naquele momento atingiam patamares que superavam apenas os de 2014 a junho 2016 (maior e mais longa recessão já registrada) e os de abril a junho de 2020 (primeira onda da Covid-19).

Nos meses seguintes, houve um período de instabilidade do índice com uma ligeira tendência de recuperação até agosto, mantendo-se, contudo, distante dos patamares de setembro de 2022. Em setembro de 2023, o ICEI inverteu a tendência e voltou a cair, chegando em novembro de 2023 em 50,4 pontos e 47,9 pontos, respectivamente, no Brasil e no Rio Grande do Sul.

A baixa confiança (falta, no caso da indústria gaúcha) demonstrada pelos empresários industriais no penúltimo mês do ano não são bons indícios para o emprego e os investimentos do setor nos próximos meses.

Vale ressaltar que a persistência dos baixos níveis de confiança em 2023 sugere a presença de outros ingredientes além do ciclo econômico. Uma avaliação dos componentes do índice sugere que é grande a incerteza dos empresários com relação à consistência dos fundamentos econômicos do País, em especial, do quadro fiscal, além das indefinições acerca da Reforma Tributária.

**Gráfico 3.13. Índice de Confiança do Empresário Industrial – Brasil e RS**  
(Em pontos)



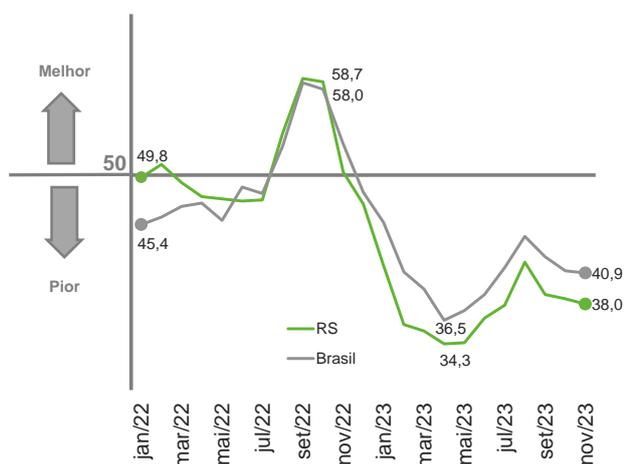
Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

De fato, a confiança do industrial brasileiro foi impactada, principalmente, pela avaliação negativa do cenário econômico doméstico, corrente e futuro, que mudou drasticamente em outubro do ano passado.

Os empresários brasileiros e, especialmente os gaúchos, passaram o ano todo de 2023 percebendo piora nas condições da economia brasileira. O Índice de Condições Atuais da Economia Brasileira perdeu, entre outubro de 2022 e abril de 2023, 21,5 e 24,4 pontos, respectivamente no Brasil e no RS. Na sequência, o cenário alivia, mas volta a se deteriorar nos meses de setembro e o outubro. O índice, mostrado no gráfico 3.14, varia de 0 a 100 pontos, sendo que abaixo (acima) de 50 indica piora (melhora) nas condições da economia e quanto menor (maior) mais disseminada e intensa é a percepção negativa (positiva).

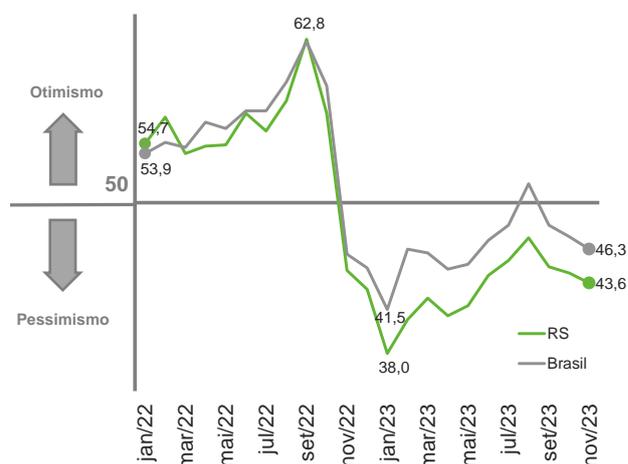
As expectativas dos empresários com relação ao futuro da economia brasileira seguiram roteiro similar. O pessimismo se alastrou rapidamente a partir de outubro do ano passado e após quatro meses, o Índice de Expectativas da Economia Brasileira recuou 21,3 e 25,0 pontos, respectivamente, no País e no Estado. Nos meses seguintes, o pessimismo perde força, voltando, a se intensificar em outubro e novembro, com o índice em 46,3 no Brasil e 43,6 pontos no RS. Como os anteriores, o índice varia de 0 a 100 pontos. Abaixo (acima) de 50, revela pessimismo (otimismo) que será mais intenso e disseminado quanto menor (maior) for o seu valor.

**Gráfico 3.14. Índice de Condições Atuais da Economia Brasileira – Brasil e RS**  
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

**Gráfico 3.15. Índice de Expectativas para a Economia Brasileira – Brasil e RS**  
(Em pontos)



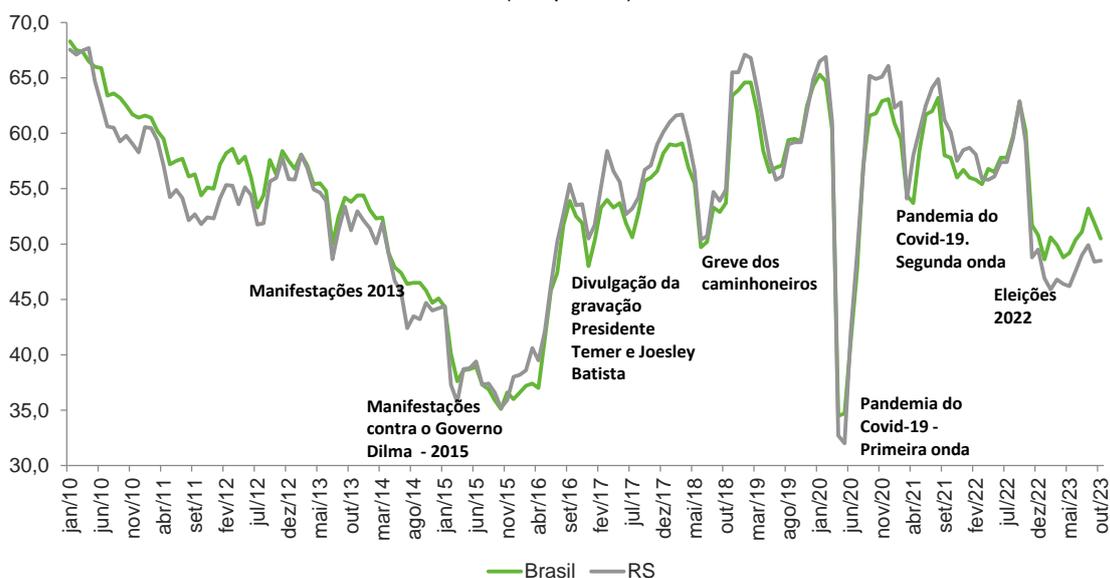
Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

A persistência do pessimismo empresarial, iniciado com as eleições em 2022, evidencia um padrão diferente dos choques nos últimos anos. De fato, desde 2017, a confiança dos empresários da indústria recua intensamente no mês ou no mês seguinte ao choque, mas rapidamente, nos meses seguintes, retoma o patamar anterior.

Não é o que acontece no ciclo de falta de confiança em curso. De fato, a confiança caiu rapidamente e, passados treze meses recuperou apenas uma pequena parte, mantendo-se distante dos patamares anteriores. No Rio Grande do Sul, o período de falta de confiança (12 meses), ainda que não seja o mais intenso, é o maior já apurado, excetuando a crise do setor de 2014 a 2016.

O gráfico a seguir mostra como a confiança do industrial reagiu à maioria dos últimos choques adversos, econômicos e não econômicos.

**Gráfico 3.16. Índice de Confiança do Empresário Industrial – Brasil e RS**  
(Em pontos)



### **Perspectivas para 2024 – Mais um ano de desempenho modesto**

No final do ano passado, as projeções para a indústria brasileira adiantavam um crescimento pouco acima da unidade para 2023 como consequência de um cenário que se esperava pouco favorável à produção e sem qualquer impulso estatístico (negativo, no caso regional) do ano anterior. A fundamentação desse cenário se baseava na combinação de elevados níveis de incerteza sobre os fundamentos da economia brasileira, naquele momento de proporções desconhecidas, com a mudança na gestão da economia do país diante de uma situação fiscal desafiadora, e uma política monetária contracionista. De fato, o quadro previsto predominou em 2023, mas os seus efeitos foram além do esperado, mantendo a confiança dos empresários do setor, que desabou em outubro de 2022, em patamares muito baixos e restringindo o crédito. Esse cenário que afetou a demanda interna, em especial, os investimentos atingiram mais intensamente a indústria gaúcha, por sua maior associação, relativamente à brasileira, à fabricação de bens de capital, fato apontado por todos os indicadores conjunturais do setor. A demanda externa também não ajudou: a indústria do RS (-4,8%) e a Brasileira (-3,1%) exibiram quedas das exportações (-4,8%) até setembro.

De fato, no final de 2022, eram projetadas expansões de 1,1% da produção industrial brasileira e de 1,4% da produção regional para 2023. O primeiro deverá encerrar o ano muito próximo da estabilidade (+0,3%) e o segundo em queda de 4,4%, desempenho deste último é corroborado pelo Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), que deve recuar 4,7%.

Eventos pontuais locais também determinaram o desempenho bem mais negativo da indústria gaúcha em relação à previsão e à média nacional. O setor de Refino de petróleo e biocombustível, principal responsável pela taxa negativa da produção regional até setembro, registrou paradas programadas para manutenção. Já o setor de Produtos de metal foi impactado pela mudança na legislação que restringiu o acesso a armas de fogo. Por fim, o Estado foi atingido por eventos climáticos severos, secas e inundações, que afetaram as operações, inclusive com paralisações, de indústrias nas regiões mais atingidas.

As perspectivas para 2024 são pouco melhores, mas nada muito animador. Grande parte dos entraves do setor são estruturais e a conjuntura também não será muito favorável. O cenário

considera uma desaceleração na economia brasileira, mas com uma recuperação cíclica, ainda que parcial, dos investimentos, após a queda intensa registrada em 2023, sustentado por menores graus de incerteza devido à maior clareza em relação às questões fiscais e à concretização da Reforma Tributária, além dos efeitos defasados da redução das taxas de juros. Os efeitos estatísticos de uma base de comparação baixa, sobretudo no RS, onde, espera-se, os problemas climáticos não se repitam. Por fim, a demanda externa, espera-se, deve dar pequena contribuição positiva.

Nesse sentido, a combinação de base mais deprimida e alguma recuperação dos investimentos, espera-se um desempenho melhor da indústria gaúcha frente à brasileira: crescimentos da produção de 2,3% e 1,4%, respectivamente. O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), indicador de atividade divulgado pela FIERGS, deve avançar 2,8%.

**Tabela 3.3. Perspectivas para a produção industrial do Brasil**

(Var. % acum. no ano)

	2022	2023*	2024*
Indústria extrativa	-3,2	6,1	1,7
Indústria de transformação	-0,4	-1,0	1,1
<b>Indústria Total</b>	<b>-0,7</b>	<b>0,3</b>	<b>1,4</b>

Fonte: IBGE/PIM-PF. \* Previsão UEE/FIERGS.

**Tabela 3.4. Perspectivas para a indústria do RS**

(Var. % acum. no ano)

	2022	2023*	2024*
Faturamento real	5,9	-6,8	2,1
Horas trabalhadas na produção	8,4	-2,4	1,5
Emprego	5,9	-0,8	0,2
Massa salarial real	10,9	2,7	0,6
UCI (em p.p.)	-0,7	-4,2	1,0
Compras industriais	-0,5	-14,8	7,5
<b>Índice de Desempenho Industrial</b>	<b>4,1</b>	<b>-4,7</b>	<b>2,8</b>
<b>Produção Industrial</b>	<b>1,1</b>	<b>-4,4</b>	<b>2,3</b>

Fonte: IBGE/PIM- PF. FIERGS/Indicadores Industriais do RS. \* Previsão UEE/FIERGS.